

A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA PARA O ENSINO SUPERIOR

Jackeline Kruschewsky Duarte Raphael¹

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²

Sérgio Augusto Franco Fernandes³

Eixo temático 13: Ensino Superior no Brasil

RESUMO

O tema da educação na contemporaneidade tem levado psicanalistas a questionar o mal-estar que permeia este campo, com leituras e conjecturas feitas a partir dos textos de Freud, na busca pelas suas contribuições. Em se tratando do Ensino Superior, Freud apresentou poucas reflexões sobre a Universidade, salvo um importante texto acerca do ensino da Psicanálise na Universidade. No decorrer de toda a sua obra, fala da educação e prevê muitas questões que se fazem presentes no contexto atual do Ensino Superior, principalmente no que tange à relação professor-aluno, pela via do conceito de transferência, abordado por ele desde os primórdios da psicanálise. Este estudo tem, como finalidade, buscar na obra de Freud, por meio de revisão bibliográfica, contribuições para o Ensino Superior a partir da reforma universitária vigente, ressaltando a transferência como um conceito fundamental.

Palavras-chave: Educação Superior; Psicanálise; Transferência.

ABSTRACT

The theme of education in contemporary has led psychoanalysts to question the malaise that permeates this field, with readings and conjectures made from the texts of Freud, searching for their contributions. In the case of higher education, Freud presented a few reflections on the University, unless an important text on the teaching of psychoanalysis at the University. Throughout all his work, speaks of education and provides many issues that are present in the current context of higher education, especially in regard to the teacher-student relationship, through the concept of transference, addressed by him since the beginning of psychoanalysis. This study has as purpose, get in Freud's work, through literature review, contributions to higher education from the current university reform, emphasizing the transfer as a fundamental concept.

Keywords: Higher Education; Psychoanalysis; Transfer.

INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma teoria que possibilita a interface com a educação, seja por meio de questionamentos quanto ao mal-estar que permeia essa prática, seja com contribuições teóricas, particularmente com o estudo do conceito de transferência. Desde Freud, a psicanálise tem trazido contribuições para o âmbito da educação. Apesar de não ter sido um

educador, Freud, no decorrer dos seus escritos, abordou a educação como um campo de reflexões, chegando a considerá-la como uma das profissões impossíveis, no sentido de se obter uma realização plena.

O mal-estar social contemporâneo vem sendo um tema presente em todas as discussões que tratam da educação, por ser este um ponto significativo quando se aborda as relações vividas nos contextos institucionais. Se pensarmos que, no contexto do ensino universitário, se trata, principalmente, de um público jovem – adolescentes vivendo questões da vida infantil, reeditadas através das suas relações sociais –, podemos concluir que as reflexões feitas por Freud justificam a escolha do conceito de transferência como elemento norteador fundamental desse trabalho, ajudando-nos na compreensão da complexa relação professor-aluno na Universidade.

Assim sendo, neste artigo abordar-se-ão as contribuições teóricas de Freud por meio de uma revisão da literatura sobre a educação. Parte-se de um percurso histórico na obra de Freud, marcando os momentos em que ele se reporta à mesma. No decorrer do nosso texto, foi elaborada uma reflexão sobre o conceito de transferência em Freud e sua contribuição para o ensino, no que tange à relação professor-aluno. No final, serão levantadas algumas considerações sobre a relevância do estudo deste conceito para o Ensino Superior Contemporâneo.

1-REVISÃO DA LITERATURA

1.1-Freud e a Educação

Freud, ao escrever *Análise terminável e interminável* (1937/1980), um dos seus últimos escritos estritamente psicanalíticos, retomou questões sobre a técnica e sobre a eficácia terapêutica da psicanálise, ressaltando a psicanálise como a terceira profissão impossível, ao lado da educação e da política. Mas o que levou Freud a essa conclusão?

Desde os primórdios da psicanálise, ainda em escritos considerados pré-psicanalíticos, como *Estudos sobre a histeria* (1895/1980) e *As neuropsicoses de defesa* (1896/1980), Freud buscou uma explicação para a histeria, com as contribuições de Charcot e de Breuer, percebendo que os meninos de boa educação e de bom comportamento eram os que sofriam de ataques histéricos, sendo que tais ataques seriam produzidos em função da repressão, como forma de insubordinação através da manifestação de idéias recalcadas. Para Freud, nesse

momento, interessava provar que existia uma disposição para a doença e que a repressão consequente à educação tinha relação com a sexualidade.

Quando escreveu a *Interpretação dos sonhos* (1900/1980), Freud, em alguns momentos, citou a importância da educação no processo de recalçamento, uma vez que as crianças são impedidas de realizarem seus desejos e, como consequência, isso aparece nas suas produções oníricas. As pulsões⁴ sexuais são submetidas às supressões das exigências da educação cultural e passam a ser as forças propulsoras mais frequentes na produção dos sonhos.

Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, texto escrito em 1901, Freud trata, principalmente, dos atos falhos⁵ e dos pensamentos expressos através destas manifestações inconscientes, que partem da necessidade das pessoas sadias de manifestarem sentimentos e impulsos considerados reprimíveis, sob o peso da educação moral. Segundo Freud, estes pensamentos perturbadores são oriundos de moções suprimidas da vida anímica, que dizem respeito às questões sexuais. Quando escreveu *O chiste e suas relações com o inconsciente* (1905), ele também mencionou a educação como tendo uma participação crucial sobre a formação dos chistes, através da repressão, que exerce influência sobre a organização psíquica.

Freud retomou a influência da educação na etiologia das neuroses em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908/1980) e disse que a intensidade do instinto sexual infantil e a pressão oriunda da educação variam de criança a criança, no que diz respeito aos seus comportamentos. Em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, texto escrito no mesmo ano, ao tratar da repressão sexual na educação das jovens da época, relatou que essas jovens, ao viverem o conflito entre seus desejos e seus deveres, se refugiavam na neurose como forma de protegerem a sua virtude. Segundo Freud, a forma como o ser humano se comporta sexualmente e a maneira como conquista seu objeto amoroso servem como protótipo da sua reação diante da vida, sendo que isso está diretamente relacionado com a educação. Ao refletir sobre o comportamento das mulheres que se afastam do atributo de pensar, percebeu que o valor que estas davam ao conhecimento sofria a influência do setor sexual:

Não acredito que a ‘debilidade mental fisiológica’ feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual (FREUD, 1908/1980, p.203-204).

Ao escrever sobre *A análise de uma fobia de um menino de cinco anos* (1909/1980), Freud discutiu sobre a etiologia da fobia de Hans e fez uma reflexão acerca do quanto os esclarecimentos sobre a sexualidade são importantes no que tange à linha que separa as pessoas normais das neuróticas, sejam crianças ou adultos. Supôs que a educação tem uma influência poderosa “para o bem ou para o mal” no surgimento da doença, mas não sabia afirmar como deveria ser essa educação; apenas disse que no contexto da época ela só fazia controlar e suprimir os instintos. Freud concluiu questionando o quanto essas reflexões poderiam servir para serem aplicadas no social, deixando, portanto, essa decisão para outros (FREUD, 1909/1980, p.151).

No texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1912/1980), Freud nos diz que a neurose tira, pela via da repressão, o paciente da realidade por fazê-lo senti-la insuportável, sendo desenvolvida como um processo inconsciente. Além do princípio do prazer⁶, o princípio da realidade foi introduzido como uma maneira de ajuste ao mundo externo. A educação foi vista por Freud com um estímulo pela busca do prazer, substituindo o princípio de realidade, utilizando-se do amor dos educadores como recompensa, mas tendendo a falhar, caso a criança quisesse esse amor de qualquer forma, não abrindo mão dele.

Em *Introdução ao método psico-analítico de Pfister* (1913/1980), Freud discorreu sobre os sintomas patológicos como substitutos de algo ruim, sendo estes determinados na infância e na juventude, momentos esses em que as pessoas se encontram em pleno processo educativo. Associou a educação com a terapêutica, dizendo que a educação busca assegurar que as disposições inatas das crianças não gerem danos nem aos indivíduos nem à sociedade, sendo que a terapêutica serve para quando essas disposições já geraram sintomas patológicos. Assim, a educação serviria como uma forma de prevenir, enquanto a psicoterapia serviria como uma forma de pós-educação. Concluiu com a seguinte reflexão: a aplicação da psicanálise, em prol da educação, poderia contribuir para que educadores das gerações futuras se ligassem a ela. E elogiou o livro de Pfister, por ter despertado os educadores para essa questão.

Ainda em 1913, Freud escreveu *O interesse científico da psicanálise*, abordando o interesse da psicanálise para a teoria da educação como sendo fundamental para os educadores, apostando que, ao conhecerem as descobertas da psicanálise, eles teriam mais facilidade para lidar com questões inerentes ao desenvolvimento infantil. Enfatizou o quanto esses conhecimentos contribuiriam para que os educadores pudessem conviver mais

facilmente com os impulsos instintivos infantis, ao invés de tentarem suprimi-los forçadamente. Freud abre o campo da psicanálise para a educação com a seguinte reflexão: “Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância” (FREUD, 1913/1980, p.224).

No ano seguinte, 1914, Freud escreveu *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* e retomou a questão da educação a partir de um encontro casual com um professor, ao caminhar pelas ruas de Viena. Este encontro o fez lembrar seus primeiros contatos com a ciência no período escolar e o quanto essa fase o influenciou, na sua tarefa futura, de contribuir com o conhecimento humano. Como psicanalista, se questionou sobre a influência dos mestres na formação escolar, ao refletir sobre até que ponto a personalidade deles seria mais significativa do que o interesse pela ciência, já que o saber se transmite por meio dos professores.

Nesse momento, Freud fez referência a uma relação de ambivalência, a saber, amor e ódio, inerente a toda relação importante entre os indivíduos, como substitutos das relações primordiais na vida da criança. Chamou de herança emocional essa base deixada pelos primeiros protótipos, afirmando que todas as escolhas futuras deveriam seguir os efeitos deixados por essas relações, como uma ambivalência emocional. Para ele, a relação com os professores se daria em uma fase da vida do jovem, quando este já havia se deparado com o desapontamento em relação à figura do pai, considerando, portanto, o professor como um pai substituto. Freud, então, a partir dessas reflexões, se referiu à transferência na relação professor-aluno como algo inerente ao processo de desenvolvimento, concluindo que “ (...) nosso comportamento para com os professores seria não apenas incompreensível, mas também indesculpável” (FREUD, 1914/1980, p. 288).

Quando escreveu *Sobre o ensino da psicanálise na universidade*, (1919[1918]/1980), Freud, ao tratar da reforma da educação médica, sugere a inclusão da psicanálise no currículo de medicina, com a intenção de tornar os médicos mais hábeis no trato com os pacientes, deixando claro a relevância dessa inserção.

Em *Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn* (1925/1980), Freud apontou que a educação foi a área de aplicação da teoria e da técnica da psicanálise que mais despertou interesses e colaboradores, pelo fato das crianças terem se tornado o alvo mais importante para os estudos psicanalíticos. Assim sendo, conseqüentemente a esse estudo, a educação se interessaria por acompanhar crianças na assistência e na orientação dos seus caminhos. Ao escrever sobre o trabalho de Aichhorn com delinqüentes juvenis, reafirmou a relevância do

estudo e da prática pessoal da psicanálise daqueles que escolhem trabalhar com crianças. Porém, deixou claro que a psicanálise não substitui a educação, mas apenas a auxilia com seus conhecimentos sobre a criança: “A relação entre a educação e o tratamento psicanalítico provavelmente logo será o tema de uma investigação pormenorizada” (FREUD, 1925/1980, p.342).

Em 1925[1924], ao escrever *Um estudo autobiográfico*, Freud revelou que não contribuiu para a aplicação da psicanálise na educação, mas que foi natural que as suas descobertas tivessem influenciado os educadores em suas práticas e, com isso, concluiu que a psicanálise não deveria ser restrita apenas para médicos, já que ela se mostrou eficaz para vários campos do conhecimento. Assim sendo, teve a esperança de que abriria importantes caminhos para o futuro.

Seguindo o pensamento de Freud, dentre as *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1933 [1932]/1980), encontra-se a conferência XXXIV, “Explicações, aplicações e orientações”, onde ele volta a falar da educação, em vários momentos do texto. Ao abordar a aplicação da psicanálise à educação, iniciou dizendo que não poderia deixar de refletir sobre essa questão, ao mesmo tempo em que reconheceu ser este um ponto pouco explorado por ele, embora de grande relevância futura. Para Freud, a criança tem que assimilar muitas coisas em um espaço curto de tempo, principalmente aprender a controlar seus instintos e a adaptar-se à sociedade. Acrescentou ainda que, através da educação, várias imposições são feitas como forma de adaptação. A neurose infantil poderia aparecer como consequência dessa difícil tarefa, tornando-se relevante uma forma de profilaxia com a aplicação da psicanálise, já que a educação inibe, proíbe e suprime.

É nesta discussão desenvolvida por Freud (1933 [1932]/1980), que entra o interesse por este texto, uma vez que ele questiona de que forma a educação poderia operar sem gerar tantos danos. Ou seja, até que ponto proibir, em que momento e de que forma, considerando que em cada um, em cada sujeito, o efeito é diferente. Neste ponto, entra a dificuldade do educador para perceber as singularidades de cada criança, dar-lhe amor e, ao mesmo tempo, manter-se na posição de autoridade. Freud então sugere, como possibilidade única, que o educador se submeta a uma formação psicanalítica, fazendo a sua análise pessoal. Acrescenta, ainda: “(...) a análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática” (FREUD, 1933 [1932]/1980, p.183).

Após essa revisão histórica das contribuições freudianas para o campo da educação, percebe-se o quanto ele abriu as portas para essa interface – psicanálise e educação – e como

esperou que esse estudo se tornasse promissor. Verifica-se, no decorrer dos seus escritos, que Freud percebeu a existência de uma relação entre a repressão sexual, oriunda da educação social e a origem da neurose, chegando a pensar que orientar as crianças sobre as questões sexuais serviria de profilaxia perante a neurose. No final da sua obra, compreendeu que essas ações não evitariam a doença, chegando à conclusão de que educar seria uma profissão impossível. Assim, as suas contribuições se mostraram marcantes, de modo que os inúmeros adeptos do seu ensino não foram mais os mesmos, nas suas práticas como educadores.

Embora Freud não tenha se dedicado diretamente ao tema da educação, foi no decorrer da construção da teoria psicanalítica que ele trouxe os seus questionamentos sobre a influência da educação nas suas descobertas. Todas as suas relações com os mestres que influenciaram a sua trajetória e com aqueles que o seguiram, mesmo os que lhe abandonaram, foram permeadas pela transferência, conceito muito estudado por Freud e construído por ele como a mola propulsora da psicanálise. Freud foi um grande mestre, a partir dos seus ensinamentos e das suas concepções sobre o ensinar e o aprender, práticas essas intrinsecamente implicadas com a transferência.

1.2-A educação e o conceito de transferência

Embora, de uma maneira geral, a transferência seja algo que permeia as relações entre as pessoas, foi utilizada por Freud como operador clínico na relação do analisante com o analista. No campo da educação, ele chegou a apontar a questão da transferência quando, em 1914, falou que o professor herda as relações primordiais com os pais e opera como um substituto nos afetos de amor e ódio, como uma herança emocional.

O termo transferência foi utilizado por Freud, pela primeira vez, em 1900, ao escrever a *Interpretação dos sonhos*. Ele se deu conta de que, no trabalho do sonho, ocorre uma força psíquica que, através do mecanismo da sobredeterminação, reduz a intensidade do valor psíquico de alguns elementos e o coloca entre outros elementos de baixo valor que aparecem no conteúdo onírico, caracterizando um deslocamento de intensidade psíquica na formação do sonho, ao que Freud chamou transferência de sentido.

A partir daí, Freud apresentou-nos a transferência como o eixo fundamental da análise. Escreveu, em 1912, ao discorrer sobre a técnica, a *Dinâmica da transferência*, cuja reflexão teórica busca entender como a transferência acontece no trabalho analítico. Iniciou relatando que a necessidade de amar e a insatisfação por não conseguir plenamente esse amor levam o indivíduo à busca de substitutos para o direcionamento da pulsão. Foi nesse ponto que Freud

percebeu que esse indivíduo poderia ser a figura do médico; e, aqui, pensamos também na figura do professor, colocando-o em uma das séries psíquicas já antecipadamente construídas pelo sujeito, mecanismo utilizado na análise com o nome de resistência. Freud questionou o seguinte: como um mecanismo tão importante para a análise poderia chegar a ser uma grande arma de resistência do paciente ao tratamento? Depois compreendeu que, na verdade, a transferência era um mecanismo da própria neurose e, não apenas, da análise. Descobriu:

(...) que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente (FREUD, 1912/1980, p. 140).

Em *Observações sobre o amor de transferência* (1915 [1914]/1980), Freud retomou o tema da transferência no processo analítico, discorrendo, principalmente, sobre o processo de enamoramento como efeito natural da relação do paciente com o analista. Para Freud, o amor se reedita e repete reações infantis oriundas das primeiras relações amorosas. Ele afirmou, também, que todo estado amoroso reproduz protótipos infantis e acrescentou que o amor transferencial tem um grau menor de liberdade, se comparado ao amor da vida cotidiana.

Finalizando suas reflexões sobre o tema em questão, em 1917, na *Conferência XXVI*, intitulada “Transferência”, Freud afirmou que o paciente utiliza-se da figura do médico como forma de desviar-se da própria doença. Tudo o que se relaciona à figura do médico passa a ser importante para o paciente, passando ele a transferir para o médico sentimentos e emoções que derivam de um outro lugar e que já estavam preparados na busca de uma oportunidade. Freud sinalizou que isso acontece também fora da psicanálise, sendo inerente a todos a capacidade de direcionar catexias⁷ libidinais para outras pessoas, como uma característica universal.

2- CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as contribuições contemporâneas de estudos e pesquisas na interface da educação com a psicanálise, principalmente as reflexões feitas por Freud no decorrer da sua obra. Este estudo bibliográfico considera relevante e atual a necessidade de estudos direcionados ao ensino universitário, que utilizem a psicanálise como eixo teórico, por

considerar o ensino superior como um campo propício às reflexões, principalmente se levarmos em consideração a proposta inovadora da reforma universitária, vigente desde 2008 no Brasil, e seus possíveis efeitos nas relações neste cenário, destacando a relação professor-aluno como um ponto crucial.

As contribuições de Freud sobre a relação professor-aluno, desenvolvidas no decorrer deste estudo, nos possibilita pensar que a relação transferencial, vista por ele como universal, é também presente no âmbito da educação e nos mostra o quanto é importante utilizarmos este conceito para o estudo das relações entre professores e alunos, no contexto atual.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1894/1980. V. 03. p.53-82.
- _____. Estudos sobre a histeria. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1980. V. 02. p.11-36.
- _____. Interpretação dos sonhos. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1980. V. 05.
- _____. A psicopatologia da vida cotidiana.. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1980. V. 06. p.11-332.
- _____. Chistes e sua relação com o inconsciente. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1980. V. 08. p.11-268.
- _____. Sobre as teorias sexuais das crianças. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1980. V. 09. p.209-228.
- _____. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1980. V. 09. p.203-204.
- _____. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1909/1980. V. 10. p.11-158.
- _____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental.. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1911/1980. V. 12. p.271-286.
- _____. Dinâmica da transferência. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1980. V. 12. p.131-143.
- _____. Introdução a The Psycho-analytic method, de Pfister. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1980. V. 12. P.413-418.

_____. O interesse científico da psicanálise. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1980. V. 13. p. 199-226.

_____. O interesse científico da psicanálise. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1980. V. 13. p. 195-226.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1980. V. 13. p. 281-288.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1980. V. 13. p. 283-288.

_____. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, (1915 [1914])/1980. V. 12. p. 207-221.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise: transferência. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, (1917 [1916-1917])/1980. V. 16, conferência no- XXVII – Transferência.

_____. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, (1919[1918])/1980. V. 17. p.213-220.

_____. Prefácio à *juventude desorientada*, de Aichhorn. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1980. V. 19. p.337- 343.

_____. Um estudo autobiográfico. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, (1925[1927])/1980. V. 20. p.11-92.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1933 [1932]/1980. V. 22. p.167-191. Conferência no- XXXIV - Explicações, aplicações e orientações.

_____. Análise terminável e interminável. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1980. V. 23. p.239-287.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NOTAS

¹ Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, Estudante Participante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade – SAVIS, Coordenadora do Curso de Psicologia da FTC/SSA, Docente do Curso de Psicologia da UNIJORGE, email: jackrusch@hotmail.com

² Doutorado em Saúde Pública – ISC/UFBA, Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade – SAVIS, Professora Permanente do Mestrado Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, email: therezacoelho@gmail.com

³ Doutorado em Filosofia da Psicanálise (UNICAMP), Professor Adjunto do CAHL/UFRB, Coordenador da Área de Conhecimento “Filosofia e Educação” (CAHL/UFRB), professor colaborador do PPGEISU (IHAC/UFBA), pesquisador do Grupo de Pesquisa Psicanálise, Subjetividade e Cultura (CCS/UFRB), e-mail: sergioaffernandes@gmail.com

⁴ Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem (ROUDINESCO, 1998).

⁵ Ato pelo qual o sujeito, a despeito de si mesmo, substitui um projeto ao qual visa deliberadamente por uma ação ou uma conduta imprevista (ROUDINESCO, 1998).

⁶ Par de expressões introduzido por Sigmund Freud em 1911, a fim de designar os dois princípios que regem o funcionamento psíquico. O primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites (como o lactente no seio da mãe, por exemplo), e o segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa (ROUDINESCO, 1998).

⁷ Termo extraído por Sigmund Freud do vocabulário militar para designar uma mobilização da energia pulsional que tem por consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo (ROUDINESCO, 1998).